

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DE FILOSOFIA E O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NO ENSINO MÉDIO: UM DIÁLOGO COM O *DE MAGISTRO* DE TOMÁS DE AQUINO

Noemi Soares de Oliveira¹
Dayana Bezerra de Souza²
José Belizario Neto³

Resumo

Este artigo se propôs trabalhar o texto *De Magistro* de Tomás de Aquino em conexão com alguns aspectos filosófico-educacionais. Inicialmente, faremos uma espécie de resumo da obra em tela, tentando mostrar suas perspectivas de ensino e as adequações na relação entre professor e estudante. Posteriormente, apresentaremos uma possível aproximação da obra de Aquino com a atualidade. Finalmente, buscaremos demonstrar uma aproximação entre teoria e prática na sala de aula, com um breve relato de experiência de algumas vivências nas atividades do Programa Residência Pedagógica, Subprojeto Filosofia – PRP Filosofia, em uma escola pública de Ensino Médio na cidade de Manaus. Neste último ponto, estabeleceremos um presumível diálogo entre a proposta de vivência no PRP Filosofia e a proposta filosófico-educacional de Tomás de Aquino e alguns autores da atualidade.

Palavras-chave: *De Magistro*, autonomia, estudante, ensino.

Abstract

This article aims to work on the text *De Magistro* by Tomás de Aquino in connection with some philosophical-educational aspects. Initially, we will make a kind of summary of the work on screen, trying to show its teaching perspectives and the adjustments in the relationship between teacher and student. Later, we will present a possible approximation of Aquino's work with the present. Finally, we will try to demonstrate an approximation between theory and practice in the classroom, with a brief account of the experience of some experiences in the activities of the Pedagogical Residency Program, Subproject Philosophy - PRP Philosophy, in a public high school in the city of Manaus. In this last point, we will establish a presumed dialogue between the proposal of experience in PRP Philosophy and the philosophical-educational proposal of Tomás de Aquino and some current authors.

Keywords: *De Magistro*, autonomy, student, teaching.

¹ Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: noemi.nsdo@gmail.com

² Licencianda em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: bsouzadayana@gmail.com

³³ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Doutorando em Filosofia pela UNICAMP; Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: belizarioufam@gmail.com

Introdução

É possível ensinar filosofia no ensino médio? Se sim, como ensiná-la? Que caminhos trilhar para contribuir com os estudantes do ensino médio, na perspectiva de despertá-los para o interesse pela filosofia e vê-la como algo que está na própria realidade? Essas são algumas das perguntas que norteiam os debates sobre o ensino de filosofia no ensino médio, sobretudo, na escola pública. Os caminhos sugeridos são diversos, cada realidade exigirá do professor uma adaptação, pois o que funciona em uma turma, em outra exige outras possibilidades.

Alguns filósofos pensaram meios de ensinar a filosofia, outros defenderam que não se pode ensinar a filosofia e outros ainda não discutiram o ensino de filosofia em suas obras específicas, mas é possível perceber que, embora não tenham se atentado para essa questão, isso não impede que seu pensamento colabore na construção de caminhos que levem os estudantes a se interessarem pela filosofia e percebam que ela não se limita apenas às teorias. Esse é o caso do filósofo Tomás de Aquino, que embora não tenha “desenhado” uma proposta para o ensino de filosofia, suas reflexões contribuíram de forma bastante significativa com alguns aspectos filosófico-educacionais. Neste sentido, a “tese central” que conecta todos os pontos deste artigo é o debate sobre a Filosofia da Educação em Tomás de Aquino.

Tomás não discutiu em suas obras sobre a educação escolar, mas ao ler o *De Magistro*⁴, percebemos que há uma presumível conexão entre seu pensamento e a prática em sala de aula.

O *De Magistro* se encontra no escopo de um anexo de *Quaestiones disputatae de veritate* (*Questões disputadas sobre a verdade*) de Tomás de Aquino. O texto faz parte de uma soma de questões, com o total de 29, no entanto, o artigo tem como norte a investigação e discussão da questão 11 (*De magistro*), que se divide em quatro artigos:

Art. I - Se o homem pode ensinar e ser dito mestre ou se somente Deus.

Art. II - Se alguém pode ser dito mestre de si mesmo.

Art. III - Se o homem pode ser ensinado pelo anjo.

Art. IV - Se ensinar é ato da vida contemplativa ou ativa.

Nossa experiência em sala situa-se no contexto do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto Filosofia (PRP Filosofia), que tem como objetivo a formação docente norteadada por uma práxis filosófico-educacional ancorada no tripé universitário (os três pilares essenciais para uma formação acadêmica)⁵, pois os estágios, muitas vezes, não são suficientes para mostrar ao

⁴ Sobre o Ensino

⁵ Podemos dizer que durante a nossa prática tivemos a oportunidade de vivenciar experiências com o ensino, a pesquisa e a extensão.

licenciando a dimensão das práticas pedagógicas, bem como os problemas que a educação pública enfrenta, como agir diante desses problemas, ou seja, as possibilidades de ação.

Compreendemos a importância das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado obrigatório (portanto, não defendemos sua extinção). Mas as disciplinas de Estágio (I, II e III) ocorrem em momentos distintos, cada estágio acontecendo em um semestre letivo da academia (e com quebras de ciclos para as atividades do estagiário). Diferentemente do Estágio, na Residência Pedagógica (RP), o residente tem a oportunidade de vivenciar de forma contínua, durante 18 meses, momentos específicos (de modo especial, três grandes momentos de extrema relevância para a formação de professor: 1) vivência com o grupo de seu subprojeto – demais residentes do grupo, preceptor e docente orientador; 2) vivência escolar, para conhecimento da escola, ambientação e elaboração de diagnóstico (seguido de elaboração do projeto de intervenção; 3) regência escolar, momento importante, no qual o residente põe em prática o planejamento na regência em sala, acompanhado e orientado pelo preceptor e docente orientador.

Portanto, defendemos que o Estágio Curricular Supervisionado obrigatório aconteça de forma concomitante com a Residência Pedagógica, na perspectiva de contribuir (de forma significativa e relevante) com a formação de professores de Filosofia. Sendo assim, convém destacar que as atividades da RP também tem seus limites e dificuldades (portanto, por si só, não solucionará todos os problemas da formação de professores).

Neste contexto, o artigo será desenvolvido em três partes: na primeira, *Um resumo da obra De Magistro*, discutiremos brevemente sobre o conteúdo dos quatro artigos, na perspectiva de apresentar a ideia central de cada artigo, para a compreensão do leitor sobre a questão do ensino, destacando-se o conhecimento e ensino do homem, no mais, quem pode ser mestre (e estabelecendo um debate na perspectiva filosófico-educacional em Tomás de Aquino).

Na segunda, *Possível aproximação da obra de Tomás de Aquino com a atualidade*, será debatido sobre a diferença de concepção da educação de Tomás de Aquino e os padrões de sua época. A perspectiva tomista é inserir o professor como um intermediário entre o conhecimento e o estudante; dessa maneira, podemos dizer que o texto aborda questões que desafiam a filosofia da educação com um cenário plural e repleto de possibilidades para estimular e aprender a compreender o papel do ensino de filosofia no ensino médio.

Finalmente, na terceira parte, *Conexão entre teoria e prática em sala de aula: proposta de Ensino de Filosofia e um presumível diálogo entre Tomás de Aquino e alguns autores da atualidade*, faremos um breve relato de experiência sobre a nossa vivência na RP Filosofia,

com o propósito de estabelecer uma possível relação entre esta vivência e a proposta filosófico-educacional de Tomás de Aquino.

1. Um resumo da obra *De Magistro*

O *De Magistro*, escrito provavelmente entre 1256-1259, aborda questões sobre o ensino, tendo em vista a cultura e postura filosófica da época. As questões disputadas evidenciam o trajeto dos estudos de Tomás de Aquino, pois as referências dos discursos eram comuns na universidade do contexto histórico em que Aquino estava inserido. Para a construção desse tema, mostra-se a complexidade do homem e a motivação para aprender, ensinar, e contribuir para a formação humana; Aquino propõe em seu contexto o aprender de fato e a transformar, conhecer, como potência ativa no indivíduo, ou seja, aquilo que se encontra no ser, enquanto modificador, e ao sofrerem mudanças.

Neste contexto, conforme as próprias palavras de Tomás de Aquino:

[...] Certos agentes há, trazendo em si a totalidade daquilo que no efeito causam [...] outros agentes há em que preexiste o efeito só em parte [...] Quando, porém, alguém adquire a ciência por um princípio intrínseco, a causa agente dessa ciência não tem, senão em parte, o saber que se deve adquirir (SANTO TOMÁS, 1935, p. 88-89, apud SILVA, 2007, p. 95).

Embora não fosse o objetivo de Aquino trabalhar a questão do ensino na sala de aula – até porque em sua época não havia a preocupação de pensar o ensino “escolar” -, percebe-se que sua obra oferece caminhos que possibilitam a condução reflexiva sobre o ensino, sobretudo, pensá-lo de outra perspectiva: a questão da autonomia, do processo intelectual ativo e reflexivo, bem como a questão do conhecer significativo; ou seja, aquilo que permanece no indivíduo, no compartilhar, no agir, e de maneira própria, à luz da razão do homem, com a ajuda do docente, que dessa maneira, constrói e conhece, sobre o que não está aparente ou foi despercebido.

A concepção pedagógica de Tomás de Aquino não pode ser ignorada, ou mesmo menosprezada, porque se fundamenta numa concepção metafísico-teológica, mas ela deve ser entendida como estímulo para a discussão do processo de ensinar e aprender, e como contribuição na condução de uma proposta pedagógica, como afirma Camello (2000, p. 7, 8): “Qualquer pedagogia é sempre, em Agostinho ou Tomás, pedagogia de Deus, não só quanto ao que se ensina, mas, sobretudo, na transformação do discente (e do docente) na verdade que assiste e passa pelo ensino”.

Convém destacar a complexidade da obra *De Magistro*, na perspectiva de sua compreensão para a modernidade, considerando as dificuldades de traduções fiéis ao texto

original do autor (uma característica das traduções de textos clássicos) e pela densidade dos conteúdos abordados nos quatro artigos. Sobre tais dificuldades (entre outras), Marcos Roberto Leite da Silva, afirma:

A aproximação ao *De Magistro* de Tomás esbarra nas dificuldades de se traduzir, com fidelidade, o texto às línguas modernas pois é denso em conteúdo, perfeito no uso das línguas clássicas e assaz intrigante no uso do raciocínio e domínio de temas relacionados com as questões propostas. Uma verdadeira viagem pelo saber mediante um método que envolve os vários modos de conhecer: normalmente empírico; às vezes intuitivo; racional; fundado na autoridade, seja bíblica, patrística ou filosófica (SILVA, 2007, p. 94).

Neste contexto, o primeiro artigo do *De Magistro*⁶, trata sobre a questão de quem pode ensinar e quem pode ser chamado de mestre. No texto, fica visível o fato de que Deus pode ensinar e ser chamado de mestre. Contudo, poderia o homem ensinar e ser chamado de mestre? Ou seja, poderia o homem ensinar verdadeiramente outro homem e receber o título de mestre?

O questionamento percorre todo o texto do autor de maneira didática e metafórica. A estrutura do texto baseia-se no enunciado, que instiga, seguido da tese que norteia e demonstra argumentos, que contribuem e reforçam o debate, como a Escritura Sagrada, a influência de Aristóteles⁷ e Santo Agostinho, entre outros autores. O texto tem a seguinte estrutura:

[...] após as objeções, levantam-se contra objeções (*sed contra*, rápidas e pontuais sentenças colhidas em favor da tese do artigo; ou algumas vezes *in contrarium*, que defendem uma terceira posição que não é a da tese nem a das *obiectiones*). Após ouvir estas vozes, o mestre expõe tematicamente sua tese no corpo do artigo, a *responsio* (solução). Em seguida, a *responsio ad obiecta*, a resposta a cada uma das objeções do início. (LAUAND, 2004, p. 5)

Assim, as passagens bíblicas enfatizam a soberania de Deus; já a análise do texto de Agostinho, feita por Tomás, contempla uma teologia introspectiva e o cuidado com a interpretação e a compreensão histórica para estabelecer relações, como a questão da iluminação que também Tomás retoma:

Ademais, diz Agostinho no *Do Mestre*: ‘Só Deus tem a cátedra nos céus, e ele ensina internamente a verdade; outro homem está em relação à cátedra como o agricultor com relação à árvore’. O agricultor, com efeito, não é quem faz a árvore, mas seu cultivador. Logo, nem o homem pode ser dito dador da ciência, mas o que disponibiliza para a ciência (AQUINO, 2001, p. 52)⁸.

⁶ Se o homem pode ensinar e ser dito mestre ou se somente Deus.

⁷ “Seu trabalho filosófico está diretamente vinculado ao pensamento aristotélico, tendo buscado elaborar uma síntese entre o aristotelismo e o cristianismo [...]” (SEVERINO, 1994, p. 95). Segundo Almeida: “Entre diversas soluções a um problema, o critério decisivo é a fidelidade aos fatos. E se faz sua, em muitos pontos, a filosofia de Aristóteles, é só porque a encontra conforme a sua experiência pessoal” (*apud* Pichler, 1977, p. 20).

⁸ Tradução de Maurílio J.O. Camello.

Assim, percebe-se que a discussão sobre se o homem ou somente Deus pode ensinar proporcionava debates e divergências entre os filósofos da época. Apesar das discordâncias quanto à condição única do educar, fazem-se perguntas como: o homem pode educar? Quais são as condições para isso? E qual é o seu papel primordial? Quem detém o conhecimento? Deus age no homem para que isso ocorra, por meio das razões seminais, que se mostram em potência, ou seja, a capacidade de conhecer?

Tomás defende que tanto Deus quanto o homem podem ensinar e receber o título de mestre, que o homem também é capaz de fazer florescer conhecimento em outro homem, entretanto, Deus e o homem não podem ser considerados mestres de forma única, pois Deus é mestre por excelência, nele está contido o conhecimento e a capacidade de ensinar; sendo assim, o homem seria um mestre auxiliar, mas, ainda assim, mestre, ou seja, capaz de ensinar.

Dessa maneira, há uma potência⁹ ativa completa no homem, que não pode confundir-se com a potência passiva, que pode atualizar-se. Sendo assim, “A ideia de possuímos em potência a capacidade de conhecer torna-se bastante clara quando pensamos no sentido da visão: é por meio dele que posso ver o mundo, mas se não abrir meus olhos, não os dirigir ao que me cerca, não verei nada” (SARTORI, 2006, p. 12). Esse conhecimento em potência torna-se esclarecedor, ao enxergar e compreender aquilo que foi ignorado, uma atualização constante que, por meio de condução, torna-se um exercício.

Neste contexto, conforme Silva,

Buscando uma conclusão plausível para o artigo primeiro [...] – poderíamos concluir, com Tomás, que Deus é quem principalmente ensina ao homem, dando-lhe potências. O homem, entretanto, pode desenvolver, por si mesmo, as potências, descobrindo por indução a essência das coisas. Contudo, ele pode recorrer a um mestre que ajude a sua natureza, tal como faz o médico ao paciente, ministrando-lhe os medicamentos que a natureza aplica como instrumento de cura (SILVA, 2007, p. 95).

Carlos Josaphat (2013) descreve que Tomás de Aquino analisa o ser humano como crescente na história pela inteligência e razão, bem como a percepção das coisas e da razão, ao captar o sensível para o pensamento, ou seja, a razão para os dados sensoriais, e para aquilo que se ignora. Um agente próximo pode ser esse quem ensina, a causa instrumental, por meio de sinais, e de recursos que promovem a questão pedagógica, como argumenta o Aquinate: “Assim como se diz que o médico causa a saúde no doente com a operação da natureza, também se diz

⁹ O sentido de potência empregado aqui é na perspectiva de Tomás. Sabemos que tal termo foi “emprestado” de Aristóteles por Aquino e reformulado por ele. Nesse sentido, quanto ao sentido Aristotélico, não iremos nos aprofundar, visto que estamos trabalhando na perspectiva de Tomás.

que o homem causa ciência em outro, pela operação da razão natural desse: e isso é ensinar” (AQUINO, 2000, p. 58).

No segundo artigo¹⁰, Tomás discorre sobre se alguém pode ser considerado mestre de si mesmo, ou seja, se alguém pode ter a aquisição de conhecimento por si próprio. Mas ele faz uma distinção entre ensino e descoberta, onde o primeiro é um ato externo, adquirindo o conhecimento de outrem, e a descoberta é o conhecimento interno adquirido de forma própria. Ele considera que uma pessoa possa ser a causa do seu próprio saber, mas isso não quer dizer que ela pode ser chamada propriamente de mestre de si, e nem dizer que ensina a si mesmo. Tomás considera que se pode obter conhecimento das coisas ignoradas pelo processo de descoberta, ou seja, que não tem ajuda ou influência de um ensino exterior, como por exemplo o método dedutivo que, em suas demonstrações, usa comumente o silogismo lógico, como:

Toda aula é importante.

Amanhã haverá aula.

Logo, também será importante.

O médico cura enquanto previamente tem a saúde não em ato, mas no conhecimento da arte; o mestre, porém, ensina enquanto tem a ciência em ato. Donde aquele que não tem a saúde em ato, pelo fato de ter a saúde no conhecimento da arte, pode em si mesmo causá-la; não pode, porém, acontecer que alguém tenha em ato a ciência, e não tenha, de modo que assim possa a si mesmo ensinar (AQUINO, 2000, p. 65).

No terceiro artigo¹¹, o questionamento é sobre a possível forma de ensinamento do homem através de criaturas angélicas; entretanto, de maneira intermediária, como isso ocorre? Em primeiro plano, pontuam-se os dois modos de agir, e podem ser descritos como: o espiritual e corpóreo: segundo o modo do homem, quando aparece sensivelmente, assumindo um corpo ou de alguma outra maneira, e o instrui mediante locuções sensíveis “[...] Segundo seu próprio modo, isto é, invisivelmente” (LAUAND, 2004, p. 51). No entanto, age a partir do ato de conhecer e compreender, de maneira provocativa, no imaginário do homem, a partir da sua inteligência, de modo que, encontre-se também no âmbito do sensível ou corpóreo.

Contudo, o modo de ensinar do anjo difere-se do homem e de Deus, pois, o saber divino é completo e ilimitado; já o anjo, através da iluminação, mais perfeita que o homem, corrobora para o fortalecimento do intelecto do homem, ou seja, potencializa aquilo que pode ser causa do conhecimento; dessa maneira, o ensinamento é ativo, o anjo demonstra ou reconhece certas coisas, seja o saber a partir do contato, instrução ou estímulo.

¹⁰ Se alguém pode ser dito mestre de si mesmo.

¹¹ Se o homem pode ser ensinado pelo anjo.

Nesse sentido, conforme Aquino:

É preciso dizer que o anjo, ensinando invisivelmente, ensina interiormente por comparação com o ensinamento do homem, o qual propõe o ensino aos sentidos externos; mas, por comparação com o ensinamento de Deus, que opera dentro da mente, infundindo a luz, o ensinamento do anjo é reputado exterior (AQUINO, 2000, p. 71).

No quarto artigo¹², a questão problematizada é o ato de ensinar, se este convém à vida ativa ou contemplativa. A distinção de ambos e o ato de ensinar consiste no seguinte: a vida ativa se ocupa com as realidades temporais, com a finalidade de ação para atender a necessidade do próximo. Conforme as palavras de Tomás de Aquino:

Como a boa ordem de vida consiste em tender da ação para a contemplação, assim, muitas vezes, o espírito, não sem proveito, da contemplação torna a voltar à ação, para que esta seja mais perfeitamente cumprida, graças ao ardor que a contemplação acendeu na mente (SANTO TOMÁS, 1935, p. 122, apud SILVA, 2007, p. 97).

Neste contexto, a vida contemplativa se ocupa com as essências inteligíveis das coisas e a consideração da verdade. Pois da vida contemplativa e ativa é que propõe a questão do conceito e sua aplicação. Ora, assim como as duas atividades acima têm conteúdo diferentes, o ato de ensinar também tem dupla matéria: de um lado, ensina-se uma determinada matéria, isto é, a própria realidade de que aborda o ensino - função da vida contemplativa; e de outro, ensina-se conteúdos a alguém, a quem o conhecimento é transmitido – função da vida ativa (PICHLER, 2008, p. 8).

Dessa maneira, ao serem discutidos na obra de Aquino, podem-se caracterizar esses conceitos, tendo em vista a sua compreensão que proporciona uma constante busca pelo conhecimento, do ajudar o outro, enquanto vida ativa, e o ensino que conduz a mente a aprimorar-se, diante da reflexão, e essa união e comunicação, estão em potência no próprio homem, ou seja, uma reorganização do saber enquanto práxis¹³, pois é necessário distingui-las e compreender suas finalidades: Aquela razão prova que a vida contemplativa é princípio do ensino, assim como o calor não é o aquecimento mesmo, mas princípio do aquecimento, enquanto o dirige; assim também, em troca, a vida ativa dispõe à contemplativa (AQUINO, 2000, p. 77).

¹² Se ensinar é ato da vida contemplativa ou ativa.

¹³ O conceito de práxis, que supõe a separação entre a realidade social e a crítica filosófica e, portanto, propõe uma indissociabilidade entre a reflexão e ação, tal como descrito na tese 11 no texto de Marx (MARX, 1974, p. 59), certamente não foi usado por Tomás de Aquino. Apesar disso, Tomás não deixa de considerar a indissociabilidade da reflexão (vida contemplativa) e da ação (vida ativa) no processo de ensino e aprendizagem.

Neste contexto, a perspectiva filosófica apresentada por Tomás de Aquino é atual e contribui de forma significativa e relevante para o debate sobre o processo de ensino-aprendizagem (bem como a prática de ensino em sala de aula), pois há uma presumível conexão entre o seu pensamento e o pensamento de autores atuais, entre eles, Paulo Freire¹⁴. Sendo assim, o propósito do ensino em Aquino “combate” o dogmatismo da sua época, em conformidade com as afirmações de Lauand: “O *De Magistro* de Tomás de Aquino expõe sua concepção de ensino/aprendizagem em oposição às doutrinas dominantes da época, principalmente a uma tendência de um cristianismo demasiadamente espiritualista que pretendia exagerar o papel de Deus e aniquilar a criatura” (LAUAND, 2004, p. 6).

2 - Possível aproximação da obra de Tomás de Aquino com a atualidade

As discussões de Tomás de Aquino permitem uma possível aproximação com o debate da atualidade sobre educador e educando em sala de aula: os atos de ensino e de descoberta, visto que Aquino apresenta o professor ou mestre como alguém que elucida, pois o mestre faz uma mediação entre o conhecimento da matéria e o estudante, procurando despertar o interesse do educando; com isso, a metodologia procura fazer com que o estudante seja induzido a descobrir aquele conhecimento, como já acontece nos dias atuais, em alguns processos educativos. Sendo assim, é possível estabelecer um debate, conectando o pensamento educacional de Tomás com o Ensino de Filosofia no Ensino Médio. Segundo Almeida,

A visão de ensino e educação para São Tomás é um autêntico educar, isto é, ‘trazer para fora’ e não ‘colocar para dentro’. É propriamente um educar para as possibilidades e não domesticar segundo uma doutrina. Educar, para ele, pressupõe a liberdade de pensamento, um verdadeiro aprimoramento da capacidade de atingir o fim, isto é, a própria verdade da pessoa (ALMEIDA, 2019, p. 86).

Conforme a perspectiva de Aquino, educar seria, portanto, induzir o conhecimento da potência ao ato. A educação, portanto, se completa enquanto ato, enquanto passagem do conhecimento em potência ao conhecimento em ato, como argumenta Batista (2010, p. 93), “[...] ora, o conhecimento preexiste no educando como potência não puramente passiva, mas ativa, senão o homem não poderia adquirir conhecimentos por si mesmo”.

Em outras palavras, o mestre precisa ter em si, em ato, tudo o que causa no aluno mediante a apresentação de sinais, pois o agente educador tem em si o conhecimento completo que no educando está em potência ativa, ou seja, há neste último a predisposição ao

¹⁴ Sobre esta presumível conexão, discutiremos brevemente no momento oportuno, no item 3.

conhecimento. Assim, “[...] quando [o educando] recebe ajuda de fora, e este modo se chama *ensino*” (BATISTA, 2010, p. 93).

O ensinar para Tomás é levar, conduzir por meio de sinais sensíveis o que o homem pode aprender, que está presente, em potência, de maneira intrínseca. Despertar aquilo que está em potência e pode vir a ato, pois há no estudante condições para aprender. Portanto, não é apenas um ensino mecânico e sistematizado, mas a sintetização de um saber especializado para o outro, do mestre para o discente, “O que ensina estimula, pois, o intelecto para saber aquelas coisas que ensina, como o motor essencial que reduz da potência ao ato; mas, mostrando uma coisa à visão corporal, estimula-a [...]” (AQUINO, 2000, p. 61).

Neste contexto, é de suma importância o acompanhamento do mestre para auxiliar cada passo e a reflexão do estudante. No entanto, surge a necessidade da análise de concepções de uma vida voltada ao estudo contemplativo e ativo. Assim, de que forma o ensino pode ser considerado?

A observação e a prática se complementam, pois o exercício do ensinar tem uma notoriedade maior, seja ao mostrar ou ao provocar, que a própria Filosofia tem como concepção à instigação e desenvolvimento do indivíduo e, para que se fortaleçam, a troca de conceitos e comparações deve ser analisada.

A execução dessa concepção educacional contribui para a autonomia do educando, mesmo que o autor não tenha pretensões em formular uma base construtiva ou até mesmo usar a palavra educação como peça chave, mas há uma importância dada à interiorização e à reflexão, pondo em jogo uma experiência educativa focada na atuação de um elemento exterior que não uma divindade, considerando que o conteúdo a ser ensinado se dá por meio da atuação de outro, ou seja, não pode o humano ensinar a si mesmo. Confirma-se a importância do educador em diversas áreas do conhecimento para que tenha pluralidade e competência ao explorar o conceito educativo e na simplicidade ao ensinar aqueles que querem ser ensinados.

Quando o educar se insere como fundamento essencial, não basta se intitular mestre ou apenas tomar para si a significação das coisas materiais, mas a competência a partir do conhecimento para a prática, contrário à posição que afirma que o professor detém todo o conhecimento e é a fonte única onde o estudante pode buscar o aprendizado.

A aprendizagem caminha por diversos âmbitos e é passível de ajustes e mudanças. Nesse sentido, o texto de Tomás permite pensar nos fundamentos do processo educativo, colaborando para uma nova perspectiva, à luz das concepções cristã e aristotélica, porém, conduz a um propósito passível de concretização na escola, podendo contribuir nas orientações pedagógicas e teóricas, e promovendo a participação do educando nesse processo.

Sendo assim,

[...] O educando não é passivo, ele participa do processo de ensino-aprendizagem. Vida contemplativa e ativa ainda que distintas, não são dissociáveis no ensino. Em tempos em que o ser é relegado ao esquecimento, pensar como Tomás pode ajudar a rever muitos conceitos da modernidade, especialmente, seu modelo de formação [...]. A novidade de muitas ideias educacionais modernas pode ser abrandada pelo conhecimento de temas e autores de tempos idos (SILVA, 2007, p. 100).

Como a concepção de ensino, segundo Tomás de Aquino, pode contribuir com a formação do professor? Dentre as várias possibilidades, podemos elencar:

1. Integrar as formulações, sintetizar e dialogar com os demais sob a orientação do professor. Aprender é algo particular de cada estudante, que deve ser estimulado e auxiliado pelo professor, pois não há ensino sem aprendizado. O aluno estimulado deve, e por vezes vai, conferir os conceitos do professor, pois é necessário que este acompanhe os conceitos que o professor trabalha em sala de aula ou fora dela, pois o professor já tem em si o conhecimento que está em potência no aluno, fazendo com que o interesse deste seja maior, e o ensino e aprendizado mais efetivos.

2. Caracterizar o ambiente escolar para definir as múltiplas escolhas, pois essa liberdade fará o discente se sentir mais confortável, tendo sempre a orientação do mestre para que o estudante não se perca em meio às escolhas, de modo a abordar a pluralidade de opções de forma concisa, evitando o desconforto da atual forma de ensino fechada e restrita que gera tamanha falta de interesse no aprendiz.

3. Redefinir o conceito educacional, analisando a participação efetiva do aluno. O centro do sistema educacional deve sempre ser o estudante. Tomás frisa bastante essa parte, pois o professor ensina justamente para o discente aprender, tendo o estudante como centro, induzindo o conhecimento nele, gerando-lhe conforto e garantindo-lhe o aprendizado, vai gerar um envolvimento ativo do indivíduo, e isso é de suma importância.

O ensino mecânico que se desenvolve hoje, realizado muitas vezes na perspectiva de gerar números e “preparar” para vestibulares e afins, faz com que a assimilação de conhecimento seja parcial, gerando acúmulo de informações que serão usadas em determinado ponto, e após isso, serão deixadas de lado, o que não produz aprendizado. Essa tentativa de transferência sintética de conhecimento de forma que o aluno não se interessa, não faz com que ele absorva o conhecimento e aprenda a ser autônomo, usando seu conhecimento na vida diária, ao contrário, faz com que ele guarde enquanto é necessário.

4. Experimentar, pois há caminhos, mas não certeza de uma única didática para diversas turmas. O professor é um agente extrínseco, ou seja, ele é causa externa ao estudante, pois, como foi citado no texto *De Magistro*, o ensino é particular do discente, não há uma fórmula geral que funcione para todos, cada indivíduo, por sua unicidade, vai ter seu modo e ritmo, bem como seu interesse, curiosidade, e principalmente, seu próprio tempo de aprendizado. Por parte do professor, fazer experimentações é necessário, pois tendo isso em vista, o ensino pode ser melhorado, levando em consideração o particular de cada aluno, pode-se traçar um nível médio de aprendizado, procurando alavancar aqueles que precisam, e estimular a todos, por isso deve-se experimentar. É uma tarefa desafiadora, sobretudo nas escolas públicas do Brasil, mas as tentativas não devem se rebaixar diante das adversidades.

Sendo assim, novamente observamos que o pensamento de Tomás de Aquino é atual e que há uma Filosofia da Educação atravessando a sua obra *De Magistro* e possivelmente se projetando para o debate sobre o Ensino de Filosofia no nível médio (em conformidade com a proposta que apresentaremos no item 3). Deste modo,

Embora afirmemos que o pensamento de Tomás de Aquino traz em si uma tônica dogmática, não podemos deixar de reconhecer que para ele, o ensino não é mera transmissão, na verdade, seus argumentos sinalizam para o fato de que só aprende quem compreende e essa capacidade da potência intelectual não se realiza na perspectiva da mera transmissão do saber. (...) As figuras do mestre e do estudante não existem, nem podem ser pensados isoladamente, o que supõe outra compreensão da natureza do trabalho docente e das determinações que lhe são constitutivas (BARCELOS, 2015, p. 60).

3. Conexão entre teoria e prática na sala de aula: proposta de ensino de filosofia e um presumível diálogo entre Tomás de Aquino e alguns autores da atualidade

Como apresentado anteriormente, o ponto de ligação entre todos os itens deste artigo é o debate sobre a Filosofia da Educação em Tomás de Aquino (que se relaciona com os debates da atualidade). Nos itens 1 e 2 já fizemos um ensaio sobre esta discussão. Neste item 3, daremos continuidade ao debate (que culmina com um breve relato de experiência de nossa regência em sala de aula no PRP Filosofia).

Iniciaremos nossa discussão apresentando algumas características da Filosofia da Educação. Conforme Antônio Joaquim Severino,

Nunca é demais lembrar que a Filosofia da Educação não é uma revisita à história da Filosofia. O seu objeto de preocupação e estudo são as condições reais da educação, tais como se desenham a cada momento histórico, e o recurso às referências históricas só se justifica quando se precisa estabelecer algumas balizas contextuais ou quando se trata de evidenciar a historicidade das manifestações lógico-conceituais do

pensamento humano (...) A questão fundamental que cabe à Filosofia da Educação responder é aquela do sentido e da finalidade da educação (SEVERINO, 2006, p. 623).

Sobre a especificidade da Filosofia da Educação de Tomás de Aquino, Rosana Silva de Moura afirma:

A perspectiva da filosofia da educação de Tomás de Aquino traz à luz a relação professor-aluno, fundante da educação, como sendo algo que ultrapassa seu tempo pré-anunciando o futuro, a modernidade, seja por aquele sentido de movimento que confere à educação, seja pelo destaque, inusitado e novo, que dá ao elemento da descoberta no ensino, inaugurando a importância do particular no processo do ensino, mesmo sob efeitos da estrutura escolástica no que concerne ao seu método e currículo. Uma pista para o entendimento do presente que se debruça sobre seu passado (MOURA, 2013, p. 157).

O propósito do professor enquanto formador é ajudar o aluno, na busca do discernimento, sem interferir na sua liberdade. Professor e aluno são imprescindíveis na perspectiva filosófico-educacional de Aquino.

Neste contexto, a partir das características, tarefas e perspectivas da Filosofia da Educação (apresentadas por Severino e Moura) bem como do debate filosófico-educacional apresentado nos itens 1 e 2, podemos estabelecer um presumível diálogo entre Tomás de Aquino e alguns autores da atualidade (em conjunto com o nosso breve relato de experiência). Ao apresentar uma relação entre Paulo Freire (com sua crítica à educação bancária) e Tomás de Aquino (com sua crítica ao autoritarismo da igreja de sua época), Elói Maia de Oliveira afirma:

Ora, se analisarmos o que Paulo Freire está criticando podemos notar uma semelhança na crítica feita também por Tomás de Aquino no século XIII. No modelo escolástico, pelas questões disputadas, os educandos têm sua autonomia nos debates e recebem de diversas fontes informações para debaterem. O debate não se faz com a pessoa, mas sim com o conhecimento que está sendo posto para ser debatido. O professor é apenas mediador, apesar de que, (...) o mestre no final oferece uma solução para o problema, mas baseada nas respostas oferecidas pelos alunos. E da semelhança com Tomás, Freire apresenta que para ir contra (...) prática bancária, é necessária uma educação problematizadora, educação esta que exercita a prática da liberdade (OLIVEIRA, 2019, p. 100).

Em conformidade com as discussões anteriores (sobre a Filosofia Educação), apresentamos nosso relato de experiência. Após leituras sistemáticas (entre elas, a obra *De Magistro*, de Tomás de Aquino), o desafio foi pôr a teoria em prática nas atividades escolares do Programa Residência Pedagógica (PRP) – Subprojeto Filosofia¹⁵. Primeiro, levamos em

¹⁵ Embora tenhamos ministrado outras aulas no estilo que apresentaremos, nosso relato é apenas uma amostra de duas aulas ministrada na turma do 2º ano “A”. A temática da aula ministrada foi “Karl Marx e o Materialismo Histórico”.

consideração nossas limitações de recursos didáticos e de tempo em sala de aula. Precisávamos de algo que os estudantes pudessem ter contato para além da sala de aula, então procuramos assuntos que pudessem facilmente ser identificados no cotidiano desses estudantes¹⁶.

Para isso, concordamos em trabalhar os conceitos que Karl Marx usa em suas obras, como por exemplo: “proletário”, “mais-valia”, “luta de classe”, “força de trabalho”, “alienação” etc., explicando o significado e as implicações sociais de cada categoria; com isso, instigávamos os estudantes a darem exemplos do seu cotidiano, de seus familiares, amigos etc., muitos iam dando sua opinião sobre o assunto e dando exemplos de situações que vivenciavam diariamente. Para elaborar a aula, não foi preciso muitos recursos didáticos, foi uma aula expositiva, utilizamos dois pinceis, o quadro, um apagador, muita voz e perguntas.

No início, os estudantes ficaram tímidos para participar, era um dia chuvoso e as aulas eram pela manhã, o que contribuiu para que o sono tomasse conta de muitos, mas conforme fomos explicando os conceitos e associando com algumas situações da realidade, de forma paulatina, alguns também quiseram compartilhar suas vivências; depois, a maioria contava alguma situação e associava com algum conceito filosófico. Foi uma aula bem interessante, alguns chegaram a comentar que, para eles, a filosofia só discutia coisas “fora da realidade”, ou seja, no pensamento dos discentes, a filosofia não buscava discutir e refletir sobre as coisas práticas do cotidiano. Mas, buscamos mostrar nas aulas que, ao contrário, a filosofia faz parte da realidade, que o mundo é que o ponto de partida para a própria filosofia à medida que provoca para a reflexão. Compreendemos que tivemos uma espécie de experiência filosófica, em conexão com as afirmações de Renata Aspis:

Dentro da ideia de experiência filosófica está a construção do aluno, criativamente por ele mesmo e também pelo professor. Não poderia ser de outro modo. A questão que se coloca agora é: como fazer isso? Como passar por uma experiência filosófica? Ora, arriscamos a responder de antemão: exatamente como os filósofos fazem. As inquietações dos jovens pela busca de compreensão, de significado e valor da realidade são genuínas e precisam de respeito para serem de alguma forma apaziguadas pelas respostas complexas encontradas, por mais provisórias que sejam. Portanto, tudo deve partir das questões dos alunos. Não há razão para pensarmos ensino de filosofia se não for da filosofia viva e vivificante que pode ser construída a partir das aflições tão humanas, do estranhamento e incômodo com a ordem vigente da vida como ela se nos aparece (ASPIS, 2004, p. 309-310)

Quando a aula estava praticamente no final, vimos que tinha um estudante usando o fone de ouvido, uma prática bem comum entre eles, apesar dos pedidos dos professores para guardá-los. Não fizemos isso, ao invés de pedir para ele guardar o fone, perguntamos o que ele

¹⁶ Em uma escola de nível médio integral.

gostava de ouvir, ele disse que gostava de rap e funk, então tivemos a ideia, na hora, de passar uma atividade para a próxima aula: cada estudante deveria trazer uma música onde se pudesse perceber algum conceito que Marx utilizava.

Na aula seguinte, alguns trouxeram suas músicas, levamos as nossas também, ouvimos de modo improvisado e, depois de ouvir, cada um explicou o porquê de ter escolhido aquela música e em qual parte da letra podia-se perceber os conceitos que Marx trabalhava; alguns escolheram suas músicas na hora, outros preferiram apenas ouvir os colegas. Todas as músicas que os estudantes apresentaram traziam críticas sociais, em sua maioria rap; eles também conseguiram explicar e associar as letras com os conceitos, o que nos deixou bastante contentes. Conforme os discentes falavam os exemplos, ficava claro que tinham entendido o assunto, bem como eram capazes de identificar os conceitos e se posicionar no cotidiano prático de cada um. Percebemos que partir da realidade social dos alunos foi possível tornar a aula de filosofia mais interessante, porque contribuiu para a formulação de problemas construídos conjuntamente com os próprios alunos. Neste contexto, conforme Aspís,

[...] poderíamos perguntar: O fato de o professor ter toda a liberdade de selecionar os conteúdos e as estratégias do curso não representaria um impedimento para o exercício da autonomia dos alunos? Antes de mais nada, vamos nos lembrar que a investigação para a qual o professor se reserva o direito de escolher materiais surge do problema elaborado com os alunos, que partiu das perguntas de interesse dos alunos (ASPIS, 2004, p. 316).

Este foi um – dos muitos caminhos – que percorremos para ajudar os estudantes a desenvolverem sua autonomia. Devido ao tempo e a outros fatores, fizemos apenas mais uma aula nesse estilo, na qual trabalhamos sobre a indústria cultural, foi uma aula interessante também e bem produtiva e participativa. Sabemos que não é em uma ou duas aulas que conseguiremos ajudar os estudantes a enxergarem o mundo de modo autônomo, por isso decidimos apenas sugerir alguns caminhos que funcionaram em determinados momentos em nossa jornada do PRP Filosofia. Ademais, atentar para a particularidade de cada turma também é importante, tanto a primeira aula quanto a segunda aulas foram trabalhadas com a turma do segundo ano matutino.

Nesse sentido, a nossa proposta de Ensino de Filosofia foi norteadada por uma “trilha filosófica” com duas etapas para se chegar a uma vivência com a Filosofia. Primeira etapa: um “caminho” em que o discente explora o seu próprio conhecimento (que faz parte de seu contexto conjuntural); segunda etapa: um “caminho” norteadado pelo conhecimento sistematizado da Filosofia.

Conforme Porta,

A filosofia é vista como um espaço onde reina o capricho, podendo cada um dizer o que quiser. Seu caráter não-empírico é entendido como pura arbitrariedade, quando não uma confusão crônica. Porém, essa impressão é falsa: a filosofia não é o caos de pontos de vista incomensuráveis, nem consiste simplesmente em possuir certezas. Trata-se de ter opiniões sobre certos temas bem definidos e sustentá-las em algo diferente de uma convicção pessoal; mais ainda, o núcleo essencial da filosofia não é constituído de crenças tematicamente definidas e racionalmente fundadas, senão de problemas e soluções (PORTA, 2002, p. 25).

Sendo assim, o nosso trabalho docente se concentrou na orientação dos estudantes, respeitando a sua própria autonomia, mas sem deixá-los caminhar sozinhos, na perspectiva de acolhê-los na “morada da filosofia” (que foi a vivência filosófica).

Nessa morada, todos nós, docentes e discentes, tivemos oportunidade de aprender com muitas histórias compartilhadas nas aulas. Convém ressaltar que os discentes demonstraram interesse pela Filosofia e revelaram o grande potencial epistemológico juvenil e para que os jovens se envolvam de forma efetiva com o conhecimento filosófico, precisam se “afetar” com a própria Filosofia. Para que sejam afetados, precisam se sentir seguros com as orientações do professor (que deve planejar previamente suas aulas, conhecer a realidade social na qual os estudantes estão inseridos e que seja um exemplo de respeito pelo aluno, pela Filosofia e pelo seu próprio trabalho docente).

Neste contexto, as nossas aulas de Filosofia ministradas para jovens do ensino médio durante as atividades do PRP Filosofia não foram configuradas como uma “arena de opiniões” (limitando-se ao senso comum e distanciado da Filosofia), ao mesmo tempo que não foram conduzidas por um “filosofês” (desconectado da realidade social dos discentes). Do mesmo modo, também não nos limitamos a outros métodos tradicionais, a saber, enciclopedismo, conversa em círculo, entre outros, como pontua Silvio Gallo:

Temos alguns modelos mais ou menos comuns e consensuais de aula de filosofia: aquela que enfatiza o caráter dialógico, colocando todos os alunos ‘em círculo’, para possibilitar o diálogo em pé de igualdade; aquela que enfatiza o debate, e não raro não chega a sair de uma espécie de ‘arena de opiniões’; aquela em que o professor traz notícias ‘fresquinhas’ de jornal para serem analisadas e debatidas, enfatizando o sentido do cidadão que participa de sua comunidade; aquela que adquire um ‘tom enciclopédico’, na medida em que o professor vai fazendo desfilar frente aos estudantes uma galeria de filósofos e/ou sistemas filosóficos, articulados ou não segundo uma cronologia histórica; aquela em que o professor desenvolve análise e comentário de textos filosóficos. [...] Nessa perspectiva, a aula precisa adquirir um caráter prático, investigativo, dinâmico, sem no entanto cair no senso comum e no ‘opinionismo’ [...] (GALLO, 2007, p. 25).

Portanto, a conjuntura dos estudantes e o rigor filosófico (sem qualquer “sisudez intelectual”) foram indissociáveis e favoreceram para uma vivência com a Filosofia de maneira profícua, proporcionando muito aprendizado para todos os envolvidos com as atividades do PRP Filosofia.

Considerações finais

A concepção educacional em Tomás de Aquino, apesar de não ter sido pensada no contexto contemporâneo do ensino médio, pode contribuir para otimizar as questões educacionais e discussões nos cursos de licenciatura e nada impede que compreendamos essa obra como estratégias pedagógicas. A estratégia que optamos em seguir foi a de usar o conhecimento que o próprio estudante já possui e começamos a associar esse saber prático com a teoria, isso contribui para que os discentes compreendessem que não estávamos ali para “ensinar”, mas para melhorar o conhecimento que eles mesmo já têm. Percebemos que essa atitude os deixa até mesmo mais “relaxados”.

Nesse percurso, caminhamos lado-a-lado com os estudantes, mostramos que a filosofia não é apenas teoria, mas é prática também. Permitir que os estudantes mostrem seu conhecimento faz com que eles se sintam ouvidos, levados em consideração e isso faz com que os estudantes se sintam mais confiantes em participar e, sobretudo, faz com que eles entendam do conteúdo que está sendo trabalhado.

Nem tudo em nossa caminhada no RP Filosofia foi fácil e deu certo, tivemos aulas que os estudantes não participaram e isso nos fez buscar algum meio que pudesse motivá-los e nos motivar também, e nessa procura encontramos na obra *De Magistro* um caminho que podia funcionar (em conexão com as demais obras que utilizamos para fundamentar este artigo).

Sendo assim, é notável que a obra *De magistro* pode contribuir para um novo olhar sobre a sala de aula, permitindo que o conhecimento seja algo construído e não apenas “dado” e foi isso que tentamos fazer ao longo das nossas aulas, planejar com antecedência e construir com os estudantes (e com abertura de espaço para fazer as alterações necessárias no nosso plano de aula).

O PRP Filosofia proporcionou um aprendizado de forma significativa e relevante para a nossa vida pessoal e profissional. Apesar de todos os limites e desafios, tivemos possibilidades de uma vivência filosófica profícua com os estudantes do Ensino Médio. Portanto, defendemos que há uma indissociabilidade entre o abstrato e o concreto filosófico - o que apenas será possível quando deslocamos a Filosofia da “torre de marfim” (construída pelo “elitismo filosófico” – que defende uma filosofia para poucos) para a “morada da democracia”

(construída pelos filósofos que defenderam o exercício da “práxis filosófica” e que só há democracia na filosofia quando agimos em prol de uma filosofia para todos).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. L. B. (2019). *Teologia e direitos humanos: um diálogo interdisciplinar entre Tomás de Aquino e Paulo Freire na perspectiva da consciência*. Revista Pistis & Práxis: Teologia e Pastoral, Curitiba, v. 11, n. 1, p. 77- 96, jan./abr. 2019.

AQUINO, S. Tomás de (2000). *De Magistro: Sobre o mestre (Questões Discutidas sobre a Verdade, XI)*. Introdução, tradução e notas por Maurílio J. O. Camello. Lorena – SP: UNISAL - Centro Universitário Salesiano. [Disponível em: <http://www.lo.unisal.br/nova/graduacao/filosofia/artigos.html>]. Acesso em: 10/08/2020

ASPIS, Renata Pereira Lima (2004). *O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica*. Cad. CEDES [online]. 2004, vol.24, n.64, pp.305-320. [Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000300004>]. Acesso em: 03/09/2020.

BARCELOS, S. M. V (2015). *O Ensino em Tomás de Aquino*. Cad. Ed. Tec. Soc., Inhumas, v. 8, n.1, p. 55-63, 2015. [Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283892237_O_ENSINO_EM_TOMAS_DE_AQUINO]. Acesso em: 27/10/2020.

BATISTA, Gustavo Araújo (2010). *O pensamento educacional de Santo Tomás de Aquino como consequência de sua teologia e de sua filosofia*. v. 14, n. 2 (2010) maio, 2010. [Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/490>]. Acesso em: 10/08/2020

COSTA, Luiz Claudio De Castro (1998). *Introdução a Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes.

GALLO, Silvio (2007). *A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade*. In: SILVEIRA, Renê J.T; GOTO, Roberto (org). *Filosofia no ensino médio: Temas, problemas e propostas*. São P São Paulo; Loyola.

GODOI, Rodrigo Aparecido de (2013). *A Concepção educacional de Tomás de Aquino: Um estudo de De Magistro Theoria – Revista de Filosofia*. Universidade de Porto Alegre - MG, Volume V - Número 14 - Ano 2013. [Disponível em: <https://www.theoria.com.br/?p=632>]. Acesso em: 10/08/2020.

JOSAPHAT, Frei Carlos (2013). *Fé e razão*. Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Ide (São Paulo) vol.36 no. 56 São Paulo jun. 2013. [Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000200005]. Acesso em: 10/08/2020

LAUAND, Luiz Jean (2004). *Tomás de Aquino: Sobre o Ensino (De Magistro). Os Sete Pecados Capitais*. São Paulo: Martins Fontes.

MARX, Karl (1974). *Teses sobre Feuerbach*. Traduzido por José Arthur Giannotti. In: MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. São Paulo, SP: Editora Victor Civita.

MOURA, Rosana Silva de (2013). *Breve Estudo de uma Perspectiva de Educação Medieval*. Revista Esboços, Florianópolis, v. 20, n. 30, p. 141-159, dez. 2013.

OLIVEIRA, Elói Maia de (2019). *A convergência dos modelos pedagógicos de Tomás de Aquino e Paulo Freire*. Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília, v.5, n.2, p. 93-102, Jul./Dez., 2019.

PICHLER, Nadir Antônio (2008). O ensino na obra de De Magistro de Tomás de Aquino, Passo Fundo, RS. v. 2, n. 3 2008. [Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/205>]. Acesso em: 10/08/2020.

PORTA, Mário Ariel Gonzalez (2002). *A filosofia a partir de seus problemas – didática e metodologia do estudo filosófico*. São Paulo: Edições Loyola.

PORTO, Sartori Leonardo (2006). *Filosofia da Educação*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores.

SEVERINO, Antônio Joaquin (1994). *Filosofia*. São Paulo, SP: Cortez.

SEVERINO, Antônio Joaquim (2006). *A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação*. *Educ. Pesqui.* [online]. 2006, vol.32, n.3, pp.619-634. [Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000300013>]. Acesso em: 27/10/2020.

SILVA, M. R. L. (2007). *Sobre o papel do mestre e do ensino em Agostinho e Tomás de Aquino*. In: PAGNI, Pedro Ângelo; SILVA, Divino José da (ORGANIZADORES). *Introdução a Filosofia da Educação*. São Paulo: Avercamp.

TOMÁS DE AQUINO (2001). *Sobre o Ensino (De Magistro). Os Sete Pecados Capitais*. Tradução e estudos introdutórios de Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em: 02/07/2020

Aceito em: 29/10/2020